

COOPERAR É SABER O QUE CABE A MIM, O QUE CABE AO OUTRO E O QUE CABE A NÓS

Ainor Francisco Lotério

Agrônomo, filósofo e palestrante. Criador da Agrosafia. Camboriú, Santa Catarina.

RESUMO

O artigo propõe uma releitura do conceito de cooperação a partir do cruzamento entre o crivo clássico da tradição antiga, verdadeiro, necessário e da própria alçada, e uma tríade de esferas de responsabilidade: o que cabe a mim, o que cabe ao outro e o que cabe a nós. Sustenta-se que a cooperação não é fenômeno afetivo, mas operativo, e que o campo comum não preexiste à relação: ele nasce do acordo explícito. Ao final, propõe-se um quarto crivo, isto é combinado, como condição de existência do nós.

PALAVRAS-CHAVE: cooperação; cooperativismo; responsabilidade; alteridade; acordo.

1 INTRODUÇÃO

A palavra cooperação envelheceu mal. De tanto ser tomada como sinônimo de harmonia e boa convivência, perdeu o seu osso. A origem não fala de sentimento: *cum operari* significa operar junto. Não é emoção partilhada, é obra partilhada. Ninguém coopera sentindo, coopera fazendo. Essa correção semântica tem consequência prática, pois desloca a cooperação do campo da simpatia para o campo da delimitação.

2 O CRIVO CLÁSSICO E SUA FONTE

O crivo das três peneiras, comumente atribuído a Sócrates, é narrativa tardia e sem base nos diálogos platônicos, e ali as peneiras são verdade, bondade e utilidade. A alçada, isto é, o discernimento entre o que está e o que não está sob o nosso poder, provém de Epicteto e reaparece em Marco Aurélio como exercício diário de recolhimento da vontade. O crivo aqui adotado resulta, portanto, da fusão de duas tradições, e vale mais pela função que pela origem.

Aplicado à cooperação, o primeiro crivo, isto é verdadeiro, precisa ser virado para dentro antes de ser apontado para fora. Verdadeiro não é apenas o que informo ao outro, é o tamanho real daquilo que consigo entregar. Agostinho ensinou que a verdade se busca no homem interior, e é exatamente ali que a cooperação começa ou fracassa. A maior parte das parcerias não desmorona por má fé, desmorona por excesso de promessa. Uma recusa honesta preserva a obra; um compromisso inflado a envenena por dentro.

O segundo crivo, isto é necessário, muda de dono ao entrar no campo comum. Necessário não é o que julgo urgente, é o que falta ao outro e à obra. Sêneca, ao tratar dos benefícios, já advertia que o modo de dar importa mais que a coisa dada, e que o favor mal medido humilha quem recebe. Auxílio que ninguém pediu não é presente, é peso, e cobra em silêncio uma gratidão jamais combinada.

O terceiro crivo, isto é comigo, sustenta os dois anteriores. Quem não sabe com precisão o que depende de si oscila entre carregar o que pertence ao outro e abandonar o que só a ele caberia. Por isso a cooperação madura começa por subtração, não por adição.

3 A TRÍADE DAS ESFERAS

O que cabe a mim é o núcleo da soberania pessoal: escolhas, reações, valores e esforço. O que cabe ao outro reconhece a autonomia alheia, inclusive o direito de decidir diferente, no tempo dele e com os erros dele. Foi essa a intuição que Voltaire levou ao extremo no seu tratado sobre a tolerância: conviver não exige concordar, exige reconhecer no outro a mesma liberdade que reivindico para mim. O que cabe a nós é a intersecção, espaço da corresponsabilidade e da obra comum.

4 O QUARTO CRIVO

Aqui a tríade ultrapassa o estoicismo. A dicotomia de Epicteto é binária: ou depende de mim, ou não depende. Não há um nós. Tudo o que envolve outra vontade recai no campo do que se aceita. A antiguidade não ignorou o vínculo, e Aristóteles o pensou com profundidade ao descrever a amizade e a *koinonia* como fundamento da vida na cidade, mas o crivo prático da alçada nunca incorporou essa terceira esfera. Ela não recupera algo perdido, acrescenta o que faltava, e não é dada, é construída.

O que cabe a nós não nasce da convivência nem da afinidade, nasce do acordo. Antes do pacto, o nós é apenas aquilo que eu gostaria que dependesse de nós, origem silenciosa de quase todo ressentimento em famílias, empresas e cooperativas. Impõe-se, então, um quarto crivo: isto é combinado? Enquanto a pergunta não for feita em voz alta, cada um trabalha imaginando o compromisso do outro, e imaginação não é contrato.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A cooperativa que funciona não é a que reúne pessoas parecidas, é a que tem clareza sobre o tamanho exato da parte de cada um. Cooperar não é diluir-se no outro nem carregá-lo nas costas. É saber onde eu termino, dizer isso com verdade e permanecer ali, operando a minha parte, enquanto o outro opera a dele e a obra, que não pertence a nenhum dos dois sozinho, nasce no meio.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO. *Confissões*.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*.

EPICTETO. *Enquirídio*.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Paixão pelo cooperativismo: linguagem essencial para estimular a participação*. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. Relação do cooperativismo com a sucessão familiar: análises, desafios, lições e estratégias preditivas. In: *Cooperativismo e associativismo em Santa Catarina no contexto da imigração alemã no sul do Brasil*. Disponível em: www.loterio.com.br.

LOTÉRIO, Aínor Francisco. *Se é só sobre dinheiro, não é cooperativa*. Disponível em: www.loterio.com.br.

MARCO AURÉLIO. *Meditações*.

PLATÃO. *Apologia de Sócrates*.

SÊNECA. *Sobre os benefícios*.

VOLTAIRE. *Tratado sobre a tolerância*.

Demais obras, artigos e postagens do autor estão reunidos no portal www.loterio.com.br. Contato para palestras e cursos: ainorfloterio@gmail.com, WhatsApp (47) 99967-5010.